

Depoimento

Antes que eu me esqueça: memórias do editor do BIB

 Charles Pessanha¹

<https://orcid.org/0000-0002-9470-7490>

DOI: 10.17666/bib9706/2022

Recebido em 14/03/2022

Aceito em 14/03/2022

É com prazer que me disponho a falar sobre a criação do *Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais* (BIB), que se transformou em uma publicação de grande relevância para as Ciências Sociais no País. Eis um pouco da história. A proposta do BIB começa com minha designação pela Diretoria do então Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) para uma comissão na Biblioteca Nacional da qual tomavam parte o Programa de Antropologia Social do Museu Nacional (PPGAS), o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) e a Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (História-UFF). Cada uma dessas instituições enviou um representante: Lúcia Lippi Oliveira (CPDOC), Gilberto Velho (PPGAS), Aidyl de Carvalho (História-UFF) e eu, que era editor da revista *Dados*, representei o IUPERJ em substituição a Olavo Brasil de Lima Júnior, que, acredito, tinha voltado para os Estados Unidos, onde cursava o doutorado.

A ideia era exatamente movimentar o processo de publicação e de circulação da bibliografia em ciências sociais no Brasil. Nós éramos membros do Subgrupo de Biblioteca, Bibliografia e Informação, coordenado por Esther Bertoletti, e subordinado ao Grupo de Documentação de Ciências Sociais (GDSCS), dirigido por Jannice Monte-Mór, Diretora da Biblioteca Nacional, e assessorado por um conselho, do qual participavam Celina Vargas do Amaral Peixoto, Richard Morse e Thomas Skidmore. Nosso subgrupo tinha uma verba de algo em torno de 60.000 dólares para utilizar em documentação da área. Alguns projetos foram apresentados para o uso desse recurso. Um deles, o mais formalizado, previa

¹ Professor associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, Editor Emérito de DADOS - Revista de Ciências Sociais e Membro do Conselho Científico do Centro de Altos Estudos, da Casa de Ruy Barbosa. Agradeço à Anpocs através de Gilberto Hochman e Leonardo Belinelli a oportunidade de me dirigir aos leitores do BIB, lembrando parte de sua História. Lembro que devido aos protocolos sanitários da pandemia tive poucas oportunidades de fazer um *aide mémoire* da minha experiência para tornar o Depoimento mais completo. Por esta razão, peço desculpas, antecipadamente, por possíveis omissões.

a distribuição desta quantia entre as bibliotecas das quatro instituições participantes. O Conselho do GDCS, que tinha poder de veto, não o aprovou por considerá-lo muito restrito; queriam um projeto de maior abrangência. Embora houvesse uma certa “saia justa” entre as nossas instituições, eu e Lúcia Lippi resolvemos fazer uma nova proposta. Há muito tempo eu tinha ideia de fazer um projeto de divulgação da literatura de ciências sociais. Já tinha certa experiência como editor científico no *IUPERJ* e desde a época da graduação, que fiz na UFF, vinha trabalhando com isso. Quando presidente de diretório da Faculdade de Filosofia, fiz uma revista de textos de Ciências Sociais chamada *Documento*. A nossa proposta foi aprovada por unanimidade pelo conselho. Foi nesse contexto que demos a ideia das resenhas, sobre as quais falarei mais adiante.

Antes, cabe falar um pouco da *Dados*, revista à qual o BIB passou a ser vinculado. À época, a *Dados* vivia um período difícil. Era totalmente financiada pela “Praça XV”, como informalmente chamávamos a sede do então Conjunto Universitário Cândido Mendes, hoje Universidade Cândido Mendes (Ucam). O professor Cândido Mendes, até hoje reitor da Ucam, além de conferir grande liberdade de ação, acabava, às vezes, pagando as edições do seu próprio bolso – o que, no entanto, não era o ideal. Além disso, eu já estava tendo uma experiência editorial com os colegas das áreas biomédica e tecnológica e queria modernizar a *Dados*, introduzindo o *peer-review*, inicialmente a cargo dos pesquisadores do *IUPERJ* e depois aberto para pesquisadores externos. Houve muitas resistências, até porque existia quem interpretasse a *Dados* como uma revista “da casa”. O fato, porém, é que parte dos recursos do projeto do BIB foi destinada a *Dados*. Esses recursos possibilitaram o aumento da periodicidade, a melhoria da apresentação da revista, que passou a ser impressa em *offset*, e com regularidade maior, porque não se precisava esperar a liberação dos recursos da “Praça XV”.

Enfim, passei a ter mais autonomia decisória como editor, o que permitiu tornar a revista graficamente mais bonita e com a periodicidade mais realista. O BIB era publicado como suplemento da *Dados*. Ao mesmo tempo, imprimíamos 300 separatas que eram distribuídas gratuitamente para a comunidade acadêmica. Havia uma ficha no BIB que podia ser preenchida para que fosse solicitado o envio do suplemento.

A maior inovação do BIB foi, efetivamente, a publicação das resenhas. Essa foi uma forma de implementar os estudos de revisão nas Ciências Sociais. As revistas biomédicas têm vários estudos de revisão, muitos dos quais trabalhos ultra conceituados, que aumentam muito o fator de impacto das revistas e as tornam muito consultadas. Adaptamos essa proposta para as Ciências Sociais por meio de estudos temáticos. Convidávamos os autores, aos quais cabia selecionar uma área das Ciências Sociais, para fazer um balanço do estado da arte – o que nós chamamos de resenhas bibliográficas. No entanto, havia um problema: inexistiam exemplos de como fazê-las.

Aí entra o papel dos autores dos primeiros trabalhos. Eli Diniz e Renato Boschi fizeram a primeira resenha, “Estado e Sociedade no Brasil: uma revisão crítica”, um trabalho ainda hoje excelente (Cerqueira; Boschi, 1976), que foi muito importante para dar forma à revista. No segundo número, foi a vez de Anthony Seeger, antropólogo norte-americano que estava no Museu Nacional. Ele trabalhou com um aluno, Eduardo Viveiros de Castro, hoje um reconhecido antropólogo (Seeger/Castro, 1977). No número seguinte, Luiz Werneck Vianna publicou “Estudos sobre sindicalismo e movimento operário: resenha de

algumas tendências” (Vianna, 1977). Essa resenha esgotou o BIB e a *Dados*. O Werneck Vianna tinha um prestígio muito grande na área de sindicalismo e aquela era uma época em que esses estudos ganhavam mais visibilidade devido ao avanço do Novo Sindicalismo no ABC paulista¹. Essas resenhas de diferentes áreas criaram um modelo a ser seguido pelos futuros autores. Agora, também houve problemas com textos. Alguns trabalhos foram reescritos significativamente por mim; outros, editei junto com os autores. Enfim, aos poucos, as resenhas foram ganhando prestígio e foram sendo consultadas. Com isso, as separatas esgotavam e depois nós ficávamos mandando exemplares das revistas contendo o BIB. Foi um período muito bom.

É bom lembrar que, no início, havia ainda outras sessões no BIB. Por exemplo, uma sessão dedicada a teses e dissertações defendidas em instituições do país. As primeiras não eram muito comuns, pois os doutorados estavam apenas começando no Brasil, como os do IUPERJ e PPGAS-Museu Nacional, claro que com exceção da Universidade de São Paulo (USP). O mais comum, “o quente”, era a “tese” de mestrado com a qual muitas pessoas encerravam suas carreiras acadêmicas. O envolvimento dos autores era realmente muito grande. Era comum se ouvir dizer que alguns pesquisadores produziram excelentes ‘teses’ de mestrado e teses de doutorado não tão brilhantes. Realmente, os mestrados eram muito prestigiados. Havia, também, uma sessão sobre pesquisas em andamento². Para essa sessão, às vezes chegavam títulos e resumos de pesquisa sem nenhum detalhamento, ou amplos demais. Mais tarde foram elaborados formulários específicos para essas sessões garantindo um mínimo de uniformidade às informações.

Com a fundação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs) e a distribuição do BIB nos seus encontros anuais, ele acabou se tornando um elo essencial na integração das Ciências Sociais no país. Na ocasião em que fui agraciado com o Prêmio de Excelência Acadêmica Gildo Marçal Brandão da Anpocs (2019), mencionei a importância da interdisciplinaridade para a nossa comunidade acadêmica, ressaltando o papel exercido pela Associação e, particularmente, pelo BIB, na integração das três áreas.

A partir do número 9, a responsabilidade do BIB passou para Anpocs³. Então, a revista ganhou vida própria; deixa de ser um apêndice da *Dados*. Sua produção tornou-se objeto de um Convênio anual entre a Anpocs e o IUPERJ, até sua absorção completa pelo Setor de Publicações da Associação. Enfim, o BIB funcionava como um GT da Anpocs. O Conselho Editorial se reunia duas vezes por ano, uma das quais no Encontro anual da associação.

Agora, havia disputas também. Antes de falar um pouco delas, noto que é curiosa a maneira como hoje muitas pessoas se referem ao Boletim: “a” BIB. Querendo conferir *status* ao BIB, eu coloquei um subtítulo – *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais* –, que se tornou, aos poucos, o nome da revista e que talvez justifique a mudança de gênero. Nessa amigável

¹ Uma lista atualizada dos trabalhos publicados costuma ser colocada ao fim de cada edição do BIB.

² Por exemplo: BIB. (1979). Pesquisas em Diversas Instituições. BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, (8), 29-32.

³ Embora tenha colaborado com as 8 edições anteriores e ter sido um entusiasta do projeto, só assumi a Editoria do BIB, a partir do n. 9, quando passou para responsabilidade da ANPOCS.

disputa, eu queria transformar o BIB em uma revista, mas a Anpocs, por questão orçamentária, não permitia um aumento significativo de gastos. O que eu fiz? A cada edição, procurava aumentar o número de páginas. De 36 páginas, o BIB - ou a BIB - foi para 180. O resultado é que se tornou uma revista do porte da *Dados* ou da *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (RBCS), pois tinha 2 números anuais com 180 páginas, com corpo menor e pouco espaçamento, enquanto *Dados* e RBCS adotavam corpo maior e espaçamento de 1,5 ou 2,0. Acabou, assim, tornando-se efetivamente uma revista. O que facilitava era que eu cumpria diversas funções editoriais e o pequeno pró-labore que recebia era repassado para as pessoas que me auxiliavam. Eu realmente gostava desse trabalho, que me permitiu conhecer diversos lugares, muitas pessoas e a produção bibliográfica brasileira em diversas áreas.

Reforço ainda que o fato de o BIB estar na Anpocs foi muito importante, em especial pelos contatos propiciados pelo encontro anual. Desse modo, ele acabou também se tornando um espaço para refletir sobre problemas de Ensino e Pesquisa, sobre a questão da avaliação das Ciências Sociais e, até mesmo, um lugar para homenagens. Fizemos, por exemplo, homenagem ao professor Florestan Fernandes quando do seu falecimento, com um texto de Mariza Correa (Fernandes, 1995). Maria Arminda do Nascimento Arruda, por sua vez, homenageou Octavio Ianni por ocasião de sua morte (Arruda, 2004). Além disso, o BIB também publicou documentação de Encontros e Congressos acadêmicos. Por exemplo, documentos de Encontro da Associação Brasileira de Editores Científicos (Abec) foram publicados na revista⁴.

No BIB, diferentemente de outras revistas, a avaliação - a revisão, como dizem os biólogos - não era muito problemática, pois os trabalhos eram feitos, em sua maioria, por encomenda. Os pareceres eram abertos e elaborados pelos membros do conselho editorial. Os convites para contribuições partiam de indicações da editoria e do conselho editorial e eram submetidos às reuniões ordinárias. Houve resenhas que não foram aceitas, outras tiveram que mudar. Esse é um trabalho difícil, que tinha que ser feito a quatro mãos. Eu não podia dar uma opinião final sobre uma resenha dedicada à religião, por exemplo. Por isso mesmo, o papel dos membros do conselho foi muito importante. Aí era preciso conversar. Esse tipo de circunstância revela a importância da descrição do editor, que deve ser muito profissional. Não deve deixar passar, nos pareceres, ofensas, palavras duras. O editor deve conversar, delimitar o problema. O comportamento do editor influencia o do autor. Quando o autor percebe o profissionalismo, a sinceridade e a honestidade do editor, torna-se muito mais fácil conduzir o processo a um bom caminho. No BIB, eu tive poucos problemas, se comparados aos ocorridos na *Dados*.

Com o passar do tempo, o conselho editorial procurou obedecer a um cruzamento de regiões e disciplinas. No passado, as Ciências Sociais brasileiras eram muito concentradas nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. A permanência de Caxambu (MG) como local privilegiado dos encontros nacionais da Anpocs refletiu isso, pela equidistância desses três grandes centros. Hoje, em contraste, elas se distribuem pelo país, embora a presença do Sudeste permaneça majoritária.

⁴ Por exemplo: ABEC. (1993). IV Encontro de Editores Científicos: Documento Final. BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, (36), 107-113.

É importante destacar como o BIB é resultado de um projeto coletivo. Na quinquagésima edição fiz uma homenagem a todos que colaboraram com a revista (Pessanha, 2000)⁵. Às vezes, o BIB reunia estudantes e professores em várias atividades. Eu, por exemplo, tive uma participação precoce como editor. Eu era mestrando quando comecei e não tinha dificuldade alguma de ser aceito como editor. As reuniões e conversas eram muito agradáveis. Você não sai da mesma forma depois de uma reunião com a Eunice Durham. Aprende muito. Nos primeiros anos da Anpocs, a Secretaria-Executiva ficava sempre em centros de pesquisa privados: IUPERJ, Centro de Estudos da Cultura Contemporânea (Cedec), Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos (Idesp). Havia um certo receio das universidades públicas de abrigar uma sociedade científica no auge do regime autoritário. O Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ) foi o primeiro órgão público a sediar a Anpocs, quando Alice Rangel Paiva Abreu foi eleita Secretária-Executiva, 12 anos depois da fundação. O BIB sempre desfrutou de apoio das diretorias da Associação, geralmente seus Secretários Adjuntos, responsáveis pelas publicações, como Aspásia Camargo, Maria Hermínia Tavares de Almeida, Sérgio Adorno, Guita Grin Debert, Eli Diniz, Élide Rugai Bastos, entre outros, além de Miriam Silveira, Editora Assistente da Associação.

O BIB também teve um papel importante na reunião de informações e de históricos de instituições. Em um tempo sem internet, no qual a circulação da informação era muito mais difícil, sua atuação foi importante. O Perfil Institucional reuniu informações valiosas sobre o que era feito ou encontrado em instituições como o Arquivo Nacional, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), IUPERJ, USP, Cedec, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap), PPGAS-Museu Nacional e Centro de Pesquisa Carlos Chagas. Gradativamente, esta sessão foi incorporando informações sobre vocações, linhas de pesquisa e corpo docente dos novos cursos e instituições de pesquisa que surgiram no país. O BIB se preocupou não apenas em resenhar os estudos, mas também colaborar na sua realização. Por exemplo, houve uma seção sobre Fontes de Pesquisa. Lembro-me do texto apresentado por Sérgio Miceli sobre a elite eclesiástica (Miceli, 1984). Outro interessante foi feito por Marieta de Moraes Ferreira e Sérgio Lamarão (Ferreira; Lamarão, 1985) sobre a elite fluminense.

Sempre foi muito gratificante ouvir a respeito de como o BIB ajudou na formação de pesquisadores. São coisas das quais me orgulho muito na minha vida profissional: as editorias de *Dados* e do BIB, além do SciELO, do qual sou considerado um dos fundadores. Esses interesses editoriais vêm de longe. Sou filho de gráficos de Campos, norte do estado do Rio de Janeiro, cidade que teve, desde o século XIX, jornais muito importantes no país. Eram jornais editados com técnicas mais modernas que as adotadas na capital. Quando meu pai foi para o Rio de Janeiro, por conhecer bem português, aprendeu a linotipia, tornando-se um dos primeiros linotipistas da cidade. Ele viveu toda a modernização do processo gráfico, da montagem das linotipias ao seu fim, já nos anos 1970, com a introdução do *offset* e da composição eletrônica. Quando era criança, eu queria ser linotipista.

⁵ Acrescentaria uma menção a todos editores que me sucederam, na pessoa de Marcia Consolim, responsável pelo aumento da periodicidade do BIB para quadrimestral e do número de artigos.

Eu adorava me sentar naquela máquina e tirar aquelas linhas de chumbo. Como editor, ir à gráfica acompanhar a produção das revistas era um prazer.

Esse prazer – que se estendeu às editoras – fez com que, nas viagens para o exterior, visitasse grandes editoras. Lembro-me do dia em que conheci a Elsevier, em Amsterdam, Holanda. Outra coisa que me marcou muito foi levar a *Dados*, então no catálogo da Elsevier, para uma das minhas participações na Feira de Frankfurt. Conheci, também, editoras universitárias americanas, através de apresentações em Frankfurt, além de ter visitado a redação e participado da reunião do Conselho Científico do melhor *journal* do mundo, o *British Medical Journal* (BMJ), durante meu pós-doutorado na Universidade de Londres. No Brasil, participei dos Conselhos Editoriais das Editoras Graal, Fiocruz, UFRJ e UFF.

Mas a editoria científica é um interesse pouco comum nas ciências humanas. Nas ciências biomédicas, e também na área tecnológica, ela traz um prestígio incrível. Por que tal diferença? Talvez porque o cientista social seja o último representante daquele beletismo da República Velha, com uma certa aversão a algo que se pareça a um trabalho. Nesse sentido, a experiência profissional no luperj foi muito importante para mim e acredito que para os demais pesquisadores pela disciplina do trabalho. Lá, havia um expediente. Os pesquisadores chegavam pela manhã, tinham horário de almoço e iam embora no final da tarde ou no início da noite. No período, trabalhavam e se reuniam. Era uma ruptura em relação à experiência encontrada na minha época de estudante na universidade. Progressivamente, esse profissionalismo foi se generalizando. As modernizações trazidas pelas grandes instituições de fomento à pesquisa nacionais e de alguns estados, como o *currículo Lattes*, a maior importância ao periódico científico, os processos de financiamento à pesquisa, de avaliação de indivíduos e instituições etc. contribuíram para isso. Apesar dessas mudanças benéficas, ainda sinto um desnível entre o tratamento dado pelas ciências biomédicas à editoração científica e aquele que encontramos nas humanidades.

Nas últimas décadas, o apoio ao periódico científico, de modo mais geral, avançou muito no Brasil. Lembro-me, por exemplo, de quando fiz parte do Grupo de Assessoramento Editorial (GAE) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), uma espécie de comitê assessor de editores científicos, ao qual cabia emitir parecer nos pedidos de financiamento para a aprovação de recursos da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e do próprio CNPq, além das ajudas das Fundações de Amparo à Pesquisa estaduais, principalmente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Aos poucos, fomos criando regras visando a melhoria dos periódicos. Às vezes, tínhamos dificuldades de implementar algumas delas, e acabávamos transformando-as em condições para o financiamento. Mais tarde, já como presidente da ABEC, fui membro do comitê editorial do CNPq, o que também ajudou na consolidação da organização das publicações científicas e, sobretudo, no maior reconhecimento dos periódicos das áreas de Ciências Humanas. Infelizmente, o apoio financeiro vem se tornando mais problemático nos últimos anos.

Impossível não mencionar a importância da Abec. Numa reunião de editores em São Lourenço, em 1983, convocada pela Finep e o CNPq, dei a ideia da criação de uma Associação de Editores Científicos. A Abec foi formalizada no ano seguinte, em encontro ocorrido no Instituto de Microbiologia da USP. A Associação – sempre liderada por editores das boas revistas – teve um papel muito importante na melhoria do periódico científico brasileiro, por intermédio dos seus cursos

para editores, *workshops* e encontros nacionais. A primeira diretoria foi composta por editores de Ribeirão Preto, que era capital nacional das revistas científicas, pois dois dos melhores periódicos nacionais na época estavam lá: o *Brazilian Journal of Biological Research* e a *Revista Brasileira de Genética*.

Essas e outras revistas são publicadas em inglês, o que aumenta o fator de impacto. Por isso, penso que é preciso ampliar a divulgação das ciências sociais brasileiras, através da publicação de parte dos artigos em inglês. Sei que há um desconforto em relação a isso. Tive oportunidade de apoiar Marcus Figueiredo na criação da *Brazilian Political Science Review*, da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP), hoje uma revista consolidada. Aliás, convém recordar que uma das razões da criação do SciELO foi um célebre artigo intitulado "A ciência perdida no terceiro mundo" (Gibb, 1995). Outros países, alguns muito ciosos de sua língua, como a França, possuem publicações em inglês, como a importante revista do Instituto Pasteur. Ao mesmo tempo, também precisamos de boas revistas de divulgação de ciências, como a *Scientific American* (EUA), a *La Recherche* (França) e a antiga *Vuelta* (México), entre outras, que ajudam a colocar o conhecimento científico em um círculo mais amplo.

Quando tudo o que vivemos hoje passar, quando tivermos um governo pró-ciência, precisamos conversar com adidos culturais para ampliar o alcance do conhecimento produzido no Brasil. Nós temos uma planta universitária muito boa, com universidades públicas espalhadas pelo país. Fora do primeiro mundo, estamos na vanguarda. O desafio é colocar o conhecimento produzido no País mais visível no exterior. O BIB ajudou e ajuda nisso. As revistas acadêmicas estão cada vez melhores. Recentemente participei da avaliação de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e observei que temos um número considerável de boas revistas nas Humanidades que merecem estar no *Web of Science*, onde nós temos apenas cerca de 20 revistas, entre elas a *Dados*.

Diante da pergunta "o que esperar de uma resenha bibliográfica nesses tempos, com tanta produção e circulação de informações?", considero que o papel do autor dos estados da arte é cada vez mais relevante. Embora a recuperação da informação tenha se tornado mais fácil, graças à evolução dos mecanismos de busca, frutos das novas tecnologias, o problema de articular os seus resultados permanece complexo. E a resenha continua a ser um guia. Novos assuntos, novos recortes, novas imbricações disciplinares permitem uma multiplicidade de ângulos de análise. Na minha área, Ciência Política, penso em um exemplo: os diversos estudos sobre a crise da democracia e sobre o iliberalismo. Seria importante ter uma ou mais reflexões sobre o que foi publicado sobre o assunto. São muitos estudos sobre um tema importantíssimo. Esse também pode ser um modo de contaminar outras áreas com os conhecimentos das ciências sociais, cada vez mais relevantes no mundo contemporâneo, e também o Ensino Médio no Brasil, país em que o livro didático, de modo geral, é pobre. Na guerra ideológica em que vivemos, o combate pela democracia a ser feito por nós deve ser também intelectual. É preciso que crianças e jovens sejam socializados com informações sobre as instituições democráticas. Por exemplo: em alguns jornais franceses, na época de eleições, a seção infantil explica o que é eleição, como e porque se vota. Precisamos, portanto, expandir nossas ações. A defesa da democracia e da ciência deve ser permanente. E essa tarefa é, primordialmente, nossa.

Referências:

- ABEC. (1993). "IV Encontro de Editores Científicos: Documento Final". **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, 36: 107-113.
- ARRUDA, M. A. do N. (2004). "Octávio Ianni, um mestre". **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, 57: 5-6.
- BIB. (1979). "Pesquisas em Diversas Instituições". **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, 8: 29-32
- CERQUEIRA, E. D.; BOSCHI, R. R. (1976). "Estado e sociedade no Brasil: uma revisão crítica". **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica Em Ciências Sociais**, 1: 9-34.
- FERNANDES, F. (1995). "Florestan Fernandes: esboço de uma trajetória". **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, 40: 3-25.
- FERREIRA, M. de M.,; LAMARÃO, S. T. N . (1985). "Fontes para o estudo da história do Estado do Rio de Janeiro na Primeira República". **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, 20: 23-40.
- GIBB, W.W (1995). "Lost Science in the Third World". **Scientific American**, 273, 2: 92-99.
- MICELI, S. (1984). "Fontes para o estudo da Elite Eclesiástica Brasileira, 1890-1940". **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, 18: 45-70.
- PESSANHA, C (2000). "Nota editorial". **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, 50: p.5-6.
- SEEGER, A.; CASTRO, E. V. de. (1977). "Pontos de vista sobre os índios brasileiros: um ensaio bibliográfico". **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, 2: 11-35.
- VIANNA, L. W. (1977). "Estudos sobre sindicalismo e movimento operário: resenha de algumas tendências". **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, 3: 69-93.

Resumo:

Depoimento de Charles Pessanha, fundador do Boletim Informativo e Bibliográfico em Ciências Sociais (BIB), sobre a sua experiência como editor do periódico e sua participação na formação do sistema de publicações científicas das ciências sociais brasileiras.

Palavras-chave: *Boletim Informativo e Bibliográfico em Ciências Sociais; edição científica/história das ciências sociais; revistas científicas*

Abstract:

Before I forget: BIB editor's memories.

Testimony by Charles Pessanha, founder of the Boletim Informativo e Bibliográfico em Ciências Sociais (BIB), about his experience as editor of the journal and his participation in the formation of the system of scientific publications in the Brazilian social sciences.

Keywords: *Boletim Informativo e Bibliográfico em Ciências Sociais; scientific edition; history of social sciences; scientific journals*